



JORNAL

VOZ

DAS COMUNIDADES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

EDIÇÃO 128
ANO 21
SETEMBRO DE 2026
RIO DE JANEIRO

PELAS LENTES DE QUEM É CRIA

Conhecida como “Fotogracia”, artista visual da Rocinha se destaca por retratar a realidade da favela sem estigmas | **PÁGINA 13**

CHEFE DO PAÍS

Saiba qual a função do presidente da República e suas responsabilidades | **PÁGINA 5**

COLETIVO EM AÇÃO

Grupo de mulheres da Zona Oeste organiza rede de apoio para lutar por direitos | **PÁGINA 12**

VILMA RIBEIRO / VOZ DAS COMUNIDADES

MUDA GOVERNO, AS FAVELAS NÃO



Pesquisa do Ibase revela que quase 52% dos moradores dizem que obras de urbanização ficaram pelo caminho

PÁGINAS 8 E 9

E QUANDO CAI A LUZ E NÃO VOLTA

Entenda como acionar a concessionária e o papel da associação de moradores em dias de apagão | **PÁGINA 16**



RENATO SILVA

INFRAESTRUTURA URBANA

Novo PAC prevê R\$ 210 milhões em investimentos públicos para obras no Complexo do Alemão

PÁGINA 3



UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



Dá o papo,
morador



REPRODUÇÃO

Natasha Santos de Oliveira, 19 anos, mora no Morro da Mangueira, é educadora infantil e vestibulanda de Pedagogia na UERJ. Formada pelo C.E. Júlia Kubitschek, atuou no Colégio Santo Inácio e hoje rege turmas do Pré 1 e Pré 2. Com leveza e autonomia, vive sua identidade bissexual embalada pelo funk, MPB e pela arte de Carol Biazin e Ana Gabriela.

Como foi reconectar-se com ritmos como o funk?

Natasha: Foi um movimento natural de abraçar minhas raízes. O funk é pura cultura e memória da favela. Ouvir funk e MPB com tranquilidade trouxe um bem-estar enorme, reconectando-me com quem sou.

O que a sala de aula mudou nos seus planos?

Natasha: Mudou tudo. Eu atuava na parte administrativa do Santo Inácio e tentava Direito. Na creche, frente ao Pré 1 e Pré 2, me apaixonei pela docência. Reativei o carinho pelo Curso Normal e mudei a rota para Pedagogia na UERJ.

Que conselho daria para sua versão do passado?

Natasha: Diria para ter calma e dar tempo ao tempo, mas, sobretudo, nutrir a autoconfiança. A opinião dos outros pesa, mas quando aprendemos a nos respeitar e confiar no que sentimos, tudo fica mais leve.

KAREN MELO

ATIVIDADE

	Macho da Cabra	Roberto Carlos	Momento de ensino	Maior metrópole do Brasil	Orixá dos ventos, raios e tempestades	Abreviatura de Limitada em Portugal
Maior produtor de café do mundo	→	→	→	→	→	→
Feminino de ocupado	→					
Prova de texto do ENEM						
↳						



UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES

300 jovens de 20 projetos sociais ocuparam a Cidade do Rock

Voz das Comunidades leva 300 moradores de favelas ao Rock in Rio em parceria com a Rock World

A Cidade do Rock ganhou um novo significado com a presença de 300 moradores de diferentes favelas cariocas no evento teste do Rock in Rio de 2026. A iniciativa, realizada em parceria entre o Voz das Comunidades e o setor de pluralidade da Rock World, garantiu a integração e o sentimento de pertencimento a crianças, jovens e adultos de 20 projetos sociais que vivenciaram de perto os bastidores, a infraestrutura e a energia do festival antes da abertura oficial.

Além de circularem livremente pela Cidade do Rock, aproveitaram os brinquedos disponíveis e acompanharam as apresentações dos artistas em diferentes palcos, os projetos sociais também puderam bater um papo com Zé Ricardo, vice-presidente artístico da Rock World, que destacou a relevância de manter o espaço aberto à diversidade.



"Chorei porque vivo a música todos os dias." Mirella, 14 anos projeto Favela Dança

Rene Silva, presidente do Voz das Comunidades, e Zé Ricardo, vice-presidente artístico da Rock World



ANA CARLA

Rene Silva, presidente do Voz das Comunidades, afirmou que ocupar o festival representa um ato de afirmação. Segundo ele, levar essas pessoas ao evento demonstra que aquele espaço também lhes pertence. Para Silva, quem faz dança na laje, teatro na

quadra ou música no beco tem a oportunidade de conhecer de perto como funciona um dos maiores festivais de música do mundo, o que pode despertar sonhos, trazer novas ideias e incentivar os jovens a acreditarem que também podem chegar lá.

EXPEDIENTE



Encaminhe a sua sugestão de matéria para o número: (21) 99694-4234 ou envie um e-mail para jornalismo@vozdascidades.com.br

Editor Chefe: Rene Silva
Coordenação, edição e revisão: Jonas di Andrade
Edição final: Samantha Millan
Reportagem: Karen Melo, Samantha Millan, Thiago Herminio
Fotografia: Uendell Vinicius, Vilma Ribeiro
Projeto gráfico e diagramação: Viviana Assunção
Designer: Tamires Aragão
Distribuição: Zona Norte (Complexos do Alemão, Complexo da Maré), Zona Oeste, Zona Sul (Rocinha)

Redes sociais:

Twitter: @vozdacomunidade
 Instagram: @vozdascidades
 Facebook: fb.com/vozdascidades
 TikTok: @vozdascidades



APP DO VOZ DAS COMUNIDADES
 APONTE SEU CELULAR E BAIXE AQUI

Novo PAC destina R\$ 210 milhões ao Complexo do Alemão para obras de urbanização e infraestrutura

Prefeitura do Rio anunciou também próximas fases do programa no Complexo da Maré

THIAGO HERMINIO

A Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou um pacote de obras para o Complexo do Alemão e a Maré, na Zona Norte do Rio. As intervenções fazem parte do Novo PAC Periferia Viva, do Governo Federal em parceria com a prefeitura, e devem beneficiar mais de 200 mil moradores.

No Complexo do Alemão, serão investidos R\$ 210 milhões em urbanização e infraestrutura, beneficiando cerca de 60 mil pessoas. O projeto prevê redes de água e esgoto, pavimentação, drenagem, contenção de encostas, 192 unidades habitacionais, iluminação pública, áreas de lazer e regularização fundiária.

As obras serão concentradas no Morro do Itararé, Travessa Laurinda (Central) e Capão. Estão previstas reformas de becos e vielas, novas escadarias acessíveis, iluminação em LED, paisagismo, áreas de convivência e medidas de contenção em áreas de risco. No Itararé, haverá ainda praça, mirante e novos equipamentos. No Capão, que reúne cerca de 3,5 mil moradores, serão realizadas obras de saneamento, drenagem e pavimentação, além da implantação de par-

que infantil, pista de skate e espaços de convivência.

Na Maré, o pacote chega a aproximadamente R\$ 172 milhões. As intervenções incluem parques lineares, reforma da Vila Olímpica, melhorias viárias, ligação cicloviária com a Ilha do Fundão e obras de saneamento, drenagem e abastecimento de água.

A segunda fase, estimada em R\$ 88,4 milhões, in-

“Sai a falta de dignidade, entra o respeito com a população”

cluirá Baixa do Sapateiro, Nova Maré, Timbau e Praia de Inhaúma. O projeto prevê pavimentação, recuperação de calçadas, arborização e revitalização de praças e áreas de convivência. A Rua Evanildo Alves terá um trecho destinado exclusivamente aos pedestres, enquanto a Rua Tancredo Neves ganhará um parque linear com bancos, brinquedos, redes de descanso e equipamentos de ginástica.

A Vila Olímpica da Maré será reformada, com melhorias nas quadras, circuitos para corrida, caminhada e bicicleta e um parque sensorial inclusivo. Já o Parque



Prefeito Eduardo Cavaliere com moradores, lideranças e presidentes de associações na Vila Olímpica do Alemão no início de setembro



Projeto do Parque Linear Maré

Linear da Maré será construído na Vila dos Pinheiros, em uma área atualmente degradada e usada para descarte irregular de lixo às margens da Baía de Guanabara. O espaço terá quadras, anfiteatro, parque infantil, hortas comunitárias, circuito de bicicletas, áreas de convivência e ecopontos.

Ao todo, serão cinco ecopontos na Maré, ampliando a coleta de entulho, galhos e outros resíduos e combatendo o descarte irregular.

Segundo o prefeito Eduardo Cavaliere, as obras representam uma mudança na qualidade de vida da população. “Sai a falta de dignidade, entra o respeito com a popu-

lação”, afirmou. A licitação da segunda fase da Maré está prevista para 16 de outubro.

Os projetos foram definidos a partir do diálogo com moradores e lideranças comunitárias. Na Maré, a articulação do Fórum das Associações de Moradores “A Maré que Queremos”, que reúne 14 associações, contribuiu para a definição das intervenções. No Alemão, o Plano de Ação Popular do CPX, elaborado por mais de 20 organizações e associações, teve papel semelhante.

INTERVENÇÕES FAZEM PARTE DO NOVO PAC PERIFERIA VIVA

Em junho, o Governo Federal anunciou R\$ 702,9 milhões para urbanização de favelas no Rio pelo Novo PAC Periferia Viva, contemplando Maré, Complexo do Alemão e Rocinha. A prefeitura também anunciou um pacote de R\$ 1,5 bilhão em obras contra enchentes até 2028.

As intervenções buscam ampliar o acesso ao saneamento, infraestrutura, moradia, lazer e mobilidade, levando mais segurança, dignidade e qualidade de vida a milhares de famílias.

VILMA RIBEIRO / VOZ DAS COMUNIDADES



Registro da Travessa Laurinda em 2025

VOZ DAS COMUNIDADES



Integrantes do Fórum de Ação Popular CPX estiveram presentes

FEIRINHA DA GROTA:

vitrine de opções e empreendedorismo no Alemão

Roupas, alimentos, brinquedos e serviços movimentam a feira e estimulam consumo dentro da favela

KAREN MELO

As feirinhas fazem parte da rotina de muitas favelas do Rio de Janeiro. Tradicionalmente associadas à venda de roupas, elas se transformaram ao longo dos anos e passaram a reunir diferentes produtos e serviços. No Complexo do Alemão, a Feirinha da Grota é um exemplo dessa mudança. Todas as quartas-feiras, a partir das 15h, a Rua Joaquim de Queiroz recebe empreendedores de diferentes segmentos e moradores em busca de novidades, preços acessíveis e opções de compra perto de casa.

A movimentação faz parte de uma dinâmica maior de consumo e geração de renda nas favelas. Dados da NÓS - Inteligência e Inovação Social apontam a dimensão desse

mercado: são 13 mil favelas mapeadas no Brasil e cerca de 260 mil comércios com CNPJ dentro desses territórios. Os dados estimam ainda um potencial de consumo de R\$ 167 bilhões em favelas e periferias. O levantamento faz parte do Tracking das Favelas, pesquisa contínua da NÓS, que acompanha hábitos e comportamentos dos moradores desses territórios desde 2024.

Segundo a NÓS, vínculo e confiança têm peso na construção da preferência dos consumidores dentro das favelas.



UENDELL VINICUS / VOZ DAS COMUNIDADES

UENDELL VINICUS / VOZ DAS COMUNIDADES



Carla e a barraca de brinquedos

Na Grota, o atendimento é feito por ordem de chegada, sem necessidade de agendamento. O casal oferece desde flash tattoos até trabalhos mais elaborados, com preços acessíveis



Luciane Costa está há seis anos na Grota e vende peças jeans



Há três meses, Ariane Alvarenga e Luiz Gerônimo participam do Festival de Fatias

Essa relação pode ser percebida na rotina da Feirinha da Grota, onde empreendedores constroem uma clientela ao longo dos anos e moradores encontram produtos e serviços dentro do próprio território.

De tatuagem a roupas

Um dos negócios que chama atenção é o estúdio móvel de tatuagem e piercing de Edson Florentino e Evelyn Silva Florentino. Casados, os dois empreendem juntos há quatro anos e circulam por diferentes feiras. Na Grota, o atendimento é feito por ordem de chegada, sem necessidade de agendamento. O casal oferece desde flash tattoos até trabalhos mais elaborados, com preços acessíveis.

“Somos casados, empreendemos juntos para levar o sustento para dentro de casa. Não fazemos só essa feira, participamos de outras também,

e o público tem gostado muito do nosso trabalho. Tudo é higienizado, esterilizado e o ambiente é climatizado. Levamos o estúdio para as pessoas”, conta Edson.

A diversidade também aparece na barraca de Carla, que reúne brinquedos dos anos 2000 até os dias atuais. O espaço chama a atenção de crianças e adultos e transforma a compra em uma viagem pela memória. Carla está há quatro anos na feira e encontrou no local uma oportunidade de trabalho dentro do território. “Estou aqui há quatro anos. Aqui é um lugar bom de trabalhar”, afirma.

As roupas, que estão entre os produtos tradicionalmente associados às feirinhas, continuam tendo espaço. Luciane Costa está há seis anos na Grota e vende peças jeans. Para ela, o contato com os clientes e a possibilidade de levar novidades são parte importante do negócio. “Eu amo empreender, receber os clientes, trazer as novidades que estão em alta, os melhores preços com qualidade”, diz Luciane.

Comida tem seu lugar

A alimentação também ganhou espaço. Há três meses, Ariane Alvarenga e Luiz Gerônimo participam do Festival de Fatias. Ariane prepara os bolos e conta que as vendas têm sido positivas. “Eu vendo em torno de 60 fatias”, relata.

Para Juliana Mattos, moradora da Grota, a feira já faz parte da rotina. Na volta do trabalho, ela costuma passar pelo local e aproveitar para comprar alguma coisa. Para ela, a variedade é um dos principais atrativos. “Antigamente, as feiras eram só de roupas, mas hoje têm uma variedade de produtos. Seja trufa, sapato, roupas íntimas ou até tatuagem. Você não precisa comprar lá fora se tem tudo aqui”, afirma.

Mas a importância das feirinhas vai além da possibilidade de consumo. Quando o morador compra de quem empreende no próprio território, ele encontra variedade e qualidade sem necessariamente precisar sair da comunidade, enquanto ajuda a manter a renda circulando entre trabalhadores e pequenos negócios locais.

“MAPEADAS EM 13 MIL TERRITÓRIOS, AS FAVELAS BRASILEIRAS SOMAM UM POTENCIAL DE CONSUMO ESTIMADO EM R\$ 167 BILHÕES.”

PESQUISA TRACKING DAS FAVELAS (NÓS)

O que faz um presidente da República e o que isso muda para a favela

Entenda em palavras simples as tarefas do chefe do país e conheça programas federais que chegaram às favelas do Rio

THIAGO HERMINIO

O presidente da República é a maior autoridade do Poder Executivo do Brasil. Ele é escolhido pelo voto direto do povo, cumpre mandato de quatro anos e pode tentar mais um. Na prática, é quem comanda o governo federal, ou seja, os ministérios, as empresas públicas e os programas que valem para todo o país.

É o presidente quem formula, planeja e executa as principais políticas públicas* do país. Ele cria programas e define prioridades nas áreas de saúde, educação, economia e infraestrutura, e essas decisões chegam direto na vida das pessoas. É o caso de programas como o Bolsa Família, direito das famílias de baixa

renda, o Gás do Povo, que dá desconto na compra do botijão, e a Farmácia Popular, que oferece remédios gratuitos ou mais baratos.

A primeira função é governar. O presidente escolhe os ministros, define as prioridades e decide como o dinheiro público, que vem dos impostos pagos por todos nós, vai ser usado. A segunda função é participar da criação das leis. Quando o Congresso aprova uma lei, o presidente pode sancionar, que é dizer sim, ou vetar, que é dizer não. Ele também pode enviar projetos de lei para deputados e senadores e editar medidas provisórias, que passam a valer na hora, mas precisam ser aprovadas depois.

O presidente é ainda o chefe de Estado. Isso quer dizer que ele representa o Brasil diante

de outros países, assina acordos internacionais e é o comandante das Forças Armadas.

Presidente não governa sozinho

Mas tem uma coisa importante para o morador saber: o presidente não manda em tudo sozinho. O Congresso e a Justiça fiscalizam o que ele faz. E muitos serviços do dia a dia não são dele. A polícia nas ruas do Rio é responsabilidade principal do governo do estado. Creche, posto de saúde da família, coleta de lixo e tapa buraco são tarefas da prefeitura. Por isso, quando falta alguma coisa na comunidade, é bom saber a quem cobrar.

Mesmo assim, decisões que saem do gabinete do presidente já mudaram a vida em favelas



Palácio do Planalto em Brasília onde fica o Presidente da República

do Rio. Em 2008, o PAC, que é o Programa de Aceleração do Crescimento, chegou pela primeira vez às favelas cariocas. As obras começaram no Complexo do Alemão, em Mangueiras e na Rocinha, com previsão inicial de 1,2 bilhão de reais, e incluíam cerca de cinco mil moradias novas, oito escolas públicas, unidades de saúde, um teleférico, um plano inclinado e uma passarela desenhada por Oscar Niemeyer. No mesmo período, o governo federal criou o Minha Casa Minha Vida, em 2009, que financiou apartamentos populares para famílias de baixa renda.

Política de acesso a direitos

Agora existe uma nova rodada. No dia 22 de junho de 2026, o

presidente atual anunciou 702,9 milhões de reais para periferias e favelas do Rio, dentro do Novo PAC Periferia Viva e do programa Pró Moradia, atendendo Complexo da Maré, Alemão e Rocinha. A divisão ficou assim: 210,5 milhões para o Alemão, 350 milhões para a Rocinha e 171,7 milhões para a Maré, com obras de esgoto, água, rede elétrica, iluminação, pavimentação, drenagem, praças e regularização de terrenos. No mesmo dia foi inaugurado um posto do Periferia Viva dentro do Alemão e concluído o programa CEP para Todos na Maré, que deu endereço oficial a mais de 800 ruas, becos e vielas.

Ter CEP, esgoto e luz não é luxo, é cidadania. E o melhor jeito de garantir que a obra saia do papel é o morador acompanhar de perto, participar das reuniões nas comunidades e cobrar prazo, tanto do governo federal quanto do estado e da prefeitura.

*Políticas Públicas -

Conjunto de ações, programas, metas e decisões adotadas pelo governo (nos âmbitos federal, estadual e municipal) para garantir os direitos da população e solucionar problemas coletivos na sociedade

Urna eletrônica completa 30 anos e chega às eleições de outubro com mudanças para facilitar o voto

A máquina de votar nasceu no Brasil em 1996, passa por cerca de 40 auditorias antes e depois do pleito e neste ano ganha letra maior, tela nova e biometria em todas as seções

THIAGO HERMINIO

No dia 4 de outubro, os brasileiros voltam às seções eleitorais para escolher presidente, governadores, senadores e deputados. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral, mais de 158 milhões de eleitoras e eleitores devem votar nas Eleições Gerais de 2026. A votação deste ano tem um sabor especial, porque a urna eletrônica completa 30 anos.

Antes dela, o voto era feito em cédulas de papel e contado na mão. A contagem podia levar dias e, em alguns casos, semanas, num processo lento e sujeito a erros e a fraudes. A mudança começou em 1995,

quando o TSE montou uma comissão técnica com pesquisadores do Inpe e do CTA para criar a máquina de votar. A primeira votação eletrônica veio no ano seguinte, nas eleições municipais de 1996, em 57 municípios, entre eles as capitais e todo o estado do Rio de Janeiro, alcançando um terço do eleitorado. Foram mais de 32 milhões de pessoas votando em cerca de 78 mil urnas. Em 1998, o voto eletrônico chegou a dois terços da população e, em 2000, o país fez sua primeira eleição totalmente informatizada.

De lá para cá, o equipamento nunca parou de mudar. Até as eleições de 2024, já foram usados 14 modelos diferentes de urna. A biometria, que é a

leitura da digital do dedo, entrou no processo em 2008 e virou uma aliada para identificar quem vota. Neste ano, uma resolução do TSE determinou que a identificação pela digital será usada em todas as seções do país: depois de mostrar o documento com foto, o eleitor coloca o dedo no leitor da urna para confirmar quem é. Quem não for reconhecido não perde o direito de votar. A leitura pode ser repetida até quatro vezes e, se ainda assim não der certo, a mesa confirma a identidade por outros dados do cadastro.

Sobre a confiança no sistema, o TSE lembra que a urna é vigiada de perto. São cerca de 40 etapas de auditoria antes, durante e depois da eleição,

com participação de partidos, órgãos públicos, universidades e entidades da sociedade civil. Um ano antes do pleito, o código dos programas é aberto para exame. No teste público de segurança feito em dezembro do ano passado, especialistas tentaram atacar os sistemas e os relatórios concluíram que o que foi encontrado não compromete a integridade, o sigilo do voto nem o resultado das eleições. O secretário de Tecnologia da Informação do TSE, Júlio Valente, afirma que, desde 1996, não há nenhum caso comprovado de fraude nas urnas eletrônicas.

O eleitor também pode conferir por conta própria. No fim da votação, cada urna

imprime o boletim de urna, papel que mostra quantos votos cada candidato recebeu naquela seção. Uma via fica colada na porta para qualquer pessoa ver, e todos os boletins ficam no site do TSE para comparação com o resultado oficial. Basta fotografar o papel ou ler o QR Code para checar.

Em ano de eleição, muita mentira circula em grupos de mensagem e nas redes. Na dúvida, o melhor caminho é procurar as informações no site do próprio Tribunal Superior Eleitoral. E não esqueça o mais importante: para entrar na cabine é preciso levar um documento oficial com foto, como identidade, carteira de motorista, passaporte ou carteira de trabalho.



ANTONIO AUGUSTO/TSE

Novela Teleférico do Alemão: chegam os novos cabos

Parado há 10 anos, bondinho recebeu 78 toneladas de cabo de aço. Segundo eles, as seis estações já passaram por reforma

THIAGO HERMINIO

Os moradores do Complexo do Alemão podem estar mais perto de ver o teleférico funcionando de novo. No dia 11 de setembro, o Governo do Estado do Rio de Janeiro recebeu os cabos de aço que vão ser usados no bondinho, que está parado desde 2016. São 7 quilômetros de cabo, com peso de 78

toneladas. O material foi comprado de uma empresa da França, a POMA, que é a única dona da tecnologia do teleférico.

Os cabos estavam guardados num quartel da Polícia Militar, em Ramos. De lá, foram levados até a estação Palmeiras, na Fazendinha, onde fica o canteiro da obra. Para não atrapalhar o trânsito na Avenida Brasil, o transporte foi feito em duas viagens, com ajuda de um caminhão guindaste que consegue levantar até 130 toneladas.

Os cabos novos são mais fortes e vão durar o dobro do tempo dos antigos. Eles podem funcionar por 10 anos sem precisar de troca. Somando a ida e a volta, o cabo percorre 7,2 quilômetros. O governo gastou 105 milhões de reais com os



PHILIPPE LIMA

As bobinas sendo transportadas

OS CABOS NOVOS SÃO MAIS FORTES E VÃO DURAR O DOBRO DO TEMPO DOS ANTIGOS

cabos e com as peças da reforma.

Agora começa a parte da instalação, que deve levar dois meses, segundo eles, e vai contar com cerca de 150 trabalhadores. Uma máquina vai puxar e esticar o cabo por todo o caminho do bondinho. Depois disso, o teleférico passa por testes. Em novembro, ele começa a rodar sem pas-

sageiros. Os testes com peso dentro das cabines e os últimos ajustes estão marcados para junho de 2027.

Enquanto isso, as 152 cabines também estão sendo arrumadas. É dentro delas que os passageiros fazem a viagem pelo alto. Antes, elas não tinham entrada de ar embaixo e o ar circulava pouco. Agora, ganharam

aberturas para o vento passar e deixar a viagem mais fresca, pensando no calor do Rio.

As seis estações do teleférico no Complexo do Alemão já foram reformadas. Elas estão recebendo escadas rolantes, elevadores, catracas, som e câmeras de segurança.

A volta do bondinho deve ajudar cerca de 100 mil moradores do Complexo do Alemão, que esperam por esse momento há 10 anos. O caminho completo tem 3,6 quilômetros. Além do transporte, as estações também devem voltar a oferecer serviços para a população, como acontecia antes do teleférico parar. Para quem mora no Complexo do Alemão, a notícia traz esperança de um dia a dia com mais mobilidade.



VITÓRIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES



VITÓRIA GAIA / VOZ DAS COMUNIDADES

Os fios estão encostando no chão

UM ANO DE PERIGO

Postes de madeira com fiação exposta em beco preocupa moradores do Complexo do Alemão

THIAGO HERMINIO

Um poste caiu e deixou a fiação espalhada pelo chão e em cima dos muros das casas, perto do teleférico das Palmeiras, Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio. Os fios de alta tensão estão encostados nos portões, e quem mora por ali, na Rua Ibirapitanga, tem medo de passar pelo caminho.

Quem pediu ajuda foi dona Míria, conhecida na comunidade como Baiana. Ela tem uma barraca perto da escadaria onde o poste caiu, ao

lado da casa de uma amiga. Segundo ela, o problema não é novo. O poste já estava ruim há bastante tempo, e uma equipe de reportagem chegou a ir ao local há mais de um ano. Agora, o poste arriou de vez.

“A fiação tá toda deitada no chão, em cima dos muros. Não tá dando para passar. Teve uma moça que passou e tomou até choque”, contou dona Míria. A maior preocupação dos moradores é com as crianças que vivem perto dali. “Tá correndo o risco de alguma criança, alguma pessoa, morrer ali com a descarga elétrica”, disse ela.

Além do perigo, a queda do pos-

te também deixou moradores sem comunicação. Por isso, dona Míria procurou o Voz das Comunidades. Ela quer que os órgãos responsáveis vão até o local e resolvam o problema o quanto antes.

O QUE DIZ A LIGHT

Procurada pelo Voz das Comunidades, a Light informou que, com o apoio de dona Míria e de uma liderança comunitária, uma equipe foi acionada para verificar a ocorrência e realizar os serviços necessários. Seguimos acompanhando a execução junto aos moradores da localidade.

THIAGO HERMINIO

O Complexo do Alemão tem motivo de sobra para comemorar. As crianças do projeto social Talentos do Morro BJJ fizeram bonito no Campeonato Brasileiro de Jiu-Jitsu sem kimono, organizado pela CBJJ, a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu. A competição aconteceu no dia 13 de setembro e reuniu atletas de vários lugares do país.

A equipe infantil do projeto levou 12 atletas para a disputa e voltou com medalhas de ouro, prata e bronze no peito. Um resultado que enche de orgulho as famílias e toda a comunidade.

Ganharam medalha de ouro a Emanuely Sophia Araujo Vieira, que todo mundo chama de Manu, a Camilly Maia de Souza, o Ícaro de Araújo e o Vinícius Jesus Lima de Souza. Ficaram com a medalha de prata Enzo Gabriel Monteiro da Silva, Messi Roberto de Oliveira Gomes,

Jovens atletas do Complexo do Alemão brilham no Brasileiro de Jiu-Jitsu

Projeto Talentos do Morro BJJ volta para casa cheio de medalhas



Atletas do Projeto social Talentos do Morro BJJ

Anna e Loran Domingues. A medalha de bronze foi da Rayara Soares Gonçalves.

E as conquistas não pararam por aí. A atleta Carol, também do projeto, conquis-

tou a medalha de bronze no Campeonato Sul-Americano, que aconteceu no sábado (12). Ela lutou na categoria feminina juvenil de faixa azul.

Para quem acompanha o dia a dia do Talentos do Morro BJJ, essas vitórias não são por acaso. Por trás de cada medalha existe muito treino, esforço e dedicação. O projeto trabalha com disciplina, respeito e incentivo ao esporte, e abre as portas para crianças e adolescentes do Complexo do Alemão que muitas vezes não teriam essa chance.

No tatame, os jovens aprendem mais do que golpes. Aprendem a ter foco, a respeitar o outro, a não desistir e a acreditar no próprio valor. É assim que o projeto revela talentos e ajuda a cons-

truir um futuro melhor para quem vive na comunidade.

Muitas das vezes, o Complexo do Alemão só aparece no noticiário por causa da violência. Histórias como essa mostram outro lado da favela: o de crianças que acordam cedo, treinam duro e sonham alto. Quando uma criança sobe no pódio, a comunidade inteira sobe junto.

As conquistas comprovam para todo o Brasil que o Complexo do Alemão é lugar de gente talentosa e trabalhadora. Com apoio e oportunidade, as crianças da favela chegam longe e sobem no pódio. O Talentos do Morro BJJ segue firme na sua missão: formar campeões dentro e fora dos tatames.



Sua oportunidade de renda está aqui!

+65 milhões de usuários: mais visibilidade e vendas

Comece a vender em 24h. Com a nossa tecnologia, abrir sua loja é fácil!



Faz tudo para o seu restaurante crescer



Cadastre seu restaurante agora



Vem entregar no app que mais toca no Brasil

Você pode ganhar R\$ 5.000 por mês

Tenha seguro, saúde e educação gratuitamente



Cadastre-se e comece a fazer entregas

OBRAS PELA METADE, DIREITOS INCOMPLETOS

PESQUISA MOSTRA QUE 51,7% DOS MORADORES DE FAVELAS DO RIO CONSIDERAM QUE AS OBRAS DE URBANIZAÇÃO NÃO FORAM TOTALMENTE CONCLUÍDAS

SAMANTHA MILLAN

Quando uma obra de urbanização é interrompida dentro de uma favela, não é apenas o concreto que fica pela metade. Também são adiados direitos básicos, como saneamento, mobilidade, acessibilidade, segurança e moradia digna. Essa realidade, presente em diferentes comunidades do Rio de Janeiro, ganhou dimensão em uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), na qual 51,7% dos moradores ouviram afirmaram que as intervenções previstas em seus territórios não foram integralmente concluídas.

O levantamento “Novos Olhares sobre as Transformações Urbanas nas Favelas” ouviu cerca de 10 mil moradores de 18 favelas cariocas entre 2022 e 2023 e entre 2025 e 2026. A pesquisa que faz um balanço das políticas de urbanização desses territórios nos últimos 20 anos buscou entender a percepção da população sobre o acesso a direitos a partir de programas de urbanização, como Favela-Bairro, Morar Carioca e Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Embora os moradores reconheçam melhorias, os resultados mostram que ainda prevalece a sensação de que as políticas chegam aos territórios sem continuidade.

Para o arquiteto e urbanista Fernando Pereira, morador do Morro da Providência e presidente do Instituto Arquitetos da Favela, o problema não é recente. Ele lembra que programas como o Prosanear, criado para ampliar o saneamento em áreas de baixa renda, e o Favela-Bairro representaram avanços importantes, mas não se consolidaram como políti-



VILMA RIBEIRO/ VOZ DAS COMUNIDADES

Travessa Laurinda há mais de 30 anos aguarda uma solução

NÃO SOMOS O PROBLEMA NEM UMA DOENÇA URBANA. SOMOS PARTE DA SOLUÇÃO

cas permanentes. “Nas palavras dos moradores, houve melhorias, e eu, como morador do Morro da Providência, arquiteto e urbanista, concordo. Porém, precisamos voltar ao Prosanear, em 1990, e ao Favela-Bairro. Essa sensação de não enxergar uma continuidade tem nome: vontade política”, afirma.

A falta de continuidade transforma projetos estruturantes em ações temporárias, muitas vezes vinculadas a determinados governos. Quando a gestão muda, programas são rebatizados, reduzidos ou abandonados. Para

Fernando, o gestor público precisa compreender que ocupa um cargo por um período, enquanto os moradores continuam vivendo diariamente com as consequências das decisões tomadas ou da ausência delas. “Em anos eleitorais, vemos figuras antigas e novas falando sobre políticas públicas. Mas como um projeto que pode mudar a vida dos moradores chega sem diagnóstico social, sem projeto construído com o território e sem escuta? O projeto não pode chegar pronto. Ele precisa ser feito com a população”, defende.



REPRODUÇÃO

A Família Conceição do Morro da Providência não vive, sobrevive, enquanto a região que moram ganhou um investimento de R\$ 8 milhões em apartamentos

REPRODUÇÃO



Fernando Pereira é arquiteto e urbanista de favela

TRAVESSA LAURINDA É EXEMPLO

No Complexo do Alemão, a Travessa Laurinda é um exemplo de como a ausência do poder público atravessa gerações. Reportagens publicadas pelo Voz das Comunidades mostraram moradores esperando por melhorias de infraestrutura e acessibilidade há mais de 35 anos. Cansada da espera, a própria população se mobilizou para tentar melhorar a passagem. A falta de pavimentação e de saneamento básico também já foi denunciada por quem vive

no local.

O caso ajuda a traduzir os percentuais da pesquisa. “Não adianta falar em urbanização se existem famílias vivendo em vulnerabilidade, sem moradia digna, água potável e saneamento. Isso ataca o direito de viver. Segurança não é somente operação policial. Segurança abrange todos os direitos do cidadão”, afirma o arquiteto.

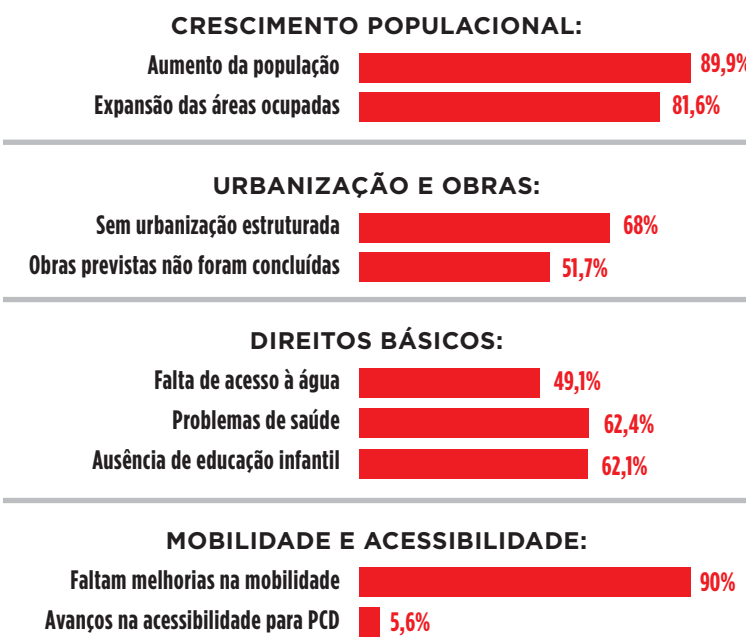
Ele cita a situação de famílias acompanhadas no Santo Amaro e Morro da Providência. Mesmo cercada pelas transformações do Porto Maravilha, a primeira favela do Rio ainda reúne casas sem condições adequadas de habitação.



Acari sofre há décadas com enchentes por falta de urbanização e infraestrutura adequada (2024)

VILMA RIBEIRO/ VOZ DAS COMUNIDADES

PRINCIPAIS NÚMEROS DAS FAVELAS PESQUISADAS



O Rio de Janeiro tem cerca de 1.072 favelas, onde vivem 1.351.783 pessoas. Isso equivale a 22% da população total da cidade. Dessas mais de mil comunidades, 274 foram contempladas por algum programa de urbanização

Dados do Instituto Pereira Passos (IPP) detalham esse cenário: apenas 159 favelas são consideradas efetivamente urbanizadas e 114 são parcialmente urbanizadas. Na prática, a maioria dos assentamentos da capital permanece sem acesso pleno a direitos básicos

(Fonte: IPP, Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (SABREN), 2022)



VILMA RIBEIRO/ VOZ DAS COMUNIDADES

Dona Marinete e Seu Antônio são moradores da Travessa Campos, Fazendinha, Complexo do Alemão e foram desta que em uma matéria sobre acessibilidade em 2024

PLANEJAR COM A FAVELA

Outro ponto levantado pela pesquisa e reforçado pelo urbanista é a necessidade de participação popular. Fernando destaca que arquitetura e urbanismo ainda são áreas marcadas por desigualdades sociais. “Precisamos criar oportunidades para arquitetos, urbanistas, engenheiros, advogados e técnicos das favelas. Ninguém melhor do que nós, moradores, para construir um projeto participativo, falar sobre a realidade local e também assinar esse projeto como profissional”, afirma.

Para que a urbanização deixe de depender da vontade de cada governo, ele defende a criação de políticas permanentes, com orçamento garantido, transparência, fiscalização, participação popular e integração entre as diferentes secretarias. Experiências internacionais, como a transformação urbana de Medellín, na Colômbia, são frequentemente citadas como referência por terem unido mobilidade, equipamentos públicos, educação e participação comunitária. Para o arquiteto, porém, qualquer modelo precisa ser adaptado à realidade de cada favela.

O crescimento das favelas também evidencia décadas de ausência de políticas habitacionais e urbanas capazes de acompanhar as necessidades da população. Dados do Censo 2022 apontam que aproximadamente 16,4 milhões de pessoas vivem em mais de 12 mil favelas e comunidades urbanas no Brasil.

Na Travessa Laurinda, no Complexo do Alemão, assim como em outras favelas, os moradores continuam mostrando que sabem identificar os problemas e construir respostas. O que falta não é conhecimento sobre o território. Falta transformar promessas e projetos temporários em políticas públicas que atravessem governos e garantam à favela o mesmo direito à cidade reconhecido em qualquer outro bairro.

DIVULGAÇÃO



Turma de mulheres da Zona da Leopoldina com Agnes Pimentel

Mais de mil inscrições marcam estreia do projeto de capacitação de Agnes Pimentel na Imperatriz

Musa da escola e embaixadora do Instituto Imperatriz, modelo conduziu encontro que encerrou a etapa de inscrições da iniciativa voltada a mulheres da Zona da Leopoldina

THIAGO HERMINIO

A chamada do projeto de capacitação profissional idealizado por Agnes Pimentel para mulheres da Zona da Leopoldina chegou às candidatas com um empurrão importante do Voz das Comunidades e o apoio do Instituto Imperatriz.

O veículo de comunicação comunitária liderado por Rene Silva foi responsável por levar a informação de dentro para fora, alcançando moradoras de Ramos, Bonsucesso, Maré e regiões vizinhas, enquanto o Instituto Imperatriz sustentou a base territorial e institucional da iniciativa. A agência parceira completa o time, com atuação na escolha final da participante que desfilará no Carnaval 2027. O resultado: mais de mil inscrições.

O encontro de seleção aconteceu no sábado, dia 12 de setembro, na quadra da Imperatriz Leopoldinense, na Zona Norte do Rio de Janeiro. As candidatas classificadas na triagem conheceram o projeto, ouviram Agnes e formaram a primeira turma da iniciativa.

O volume de inscrições diz menos sobre o projeto do que sobre o território. Nunca faltou presença, beleza ou vontade na Zona da Leopoldina. O que faltava era informação: saber como

funciona uma agência, o que é um contrato de imagem, o que significa ceder direito de uso, quanto vale o próprio trabalho e a quem perguntar quando a dúvida aparece. A iniciativa nasceu para devolver esse repertório a quem sempre esteve pronta para usá-lo.

Na quadra, as participantes receberam a camiseta oficial da formação. Na fala de abertura, Agnes destacou. “Eu comecei sem ninguém pra me explicar nada. Aprendi errando, e levei anos pra entender coisa que podia ter sido dita numa tarde. É isso que eu quero pra essas meninas: a informação antes, não depois”, disse a modelo.

A mãe de Agnes também falou às participantes, em um dos momentos mais aplaudidos da tarde. “Eu vi essa menina sair sem nada garantido, só com coragem. Hoje ela volta pra abrir uma porta para outras mulheres”, afirmou.

Em um mercado que costuma cobrar da mulher a imagem antes de reconhecer nela a profissional, informação é o que separa ser escolhida de poder escolher. O projeto trabalha nessa distância. As participantes recebem formação prática em imagem, postura, comportamento de mercado, entendimento de agenciamento e leitura de car-

reira, o mesmo conjunto de ferramentas que Agnes construiu ao longo de quase uma década de trabalho internacional.

Modelo descoberta ainda na adolescência, em um desfile em Itaboraí, Agnes atuou em países como Alemanha, Itália, Inglaterra, Turquia e Estados Unidos, viveu quase uma década em Londres, participou da London Fashion Week e da New York Fashion Week e voltou ao Brasil em 2023. Em 2026, foi anunciada musa da Imperatriz Leopoldinense.

Agora, a primeira turma segue para o ciclo de formação, com encontros e conteúdo prático ao longo dos próximos meses. Ao fim do processo, cabe à agência parceira a escolha da participante que desfilará em um carro alegórico da Imperatriz Leopoldinense no Carnaval 2027. Agnes acompanha todas as etapas e não participa da decisão final, condição definida desde a elaboração do projeto para preservar o caráter técnico da seleção.

O objetivo declarado, no entanto, ultrapassa o carro alegórico. A meta é que as participantes terminem o ciclo com repertório suficiente para circular no mercado por conta própria e que a informação, como defende Agnes, chegue antes, não depois.

Vacinação com Pneumo 20 é ampliada no Rio para idosos a partir de 85 anos

Vacina está disponível desde segunda (21) em clínicas da família, centros municipais de saúde e Super Centros de Vacinação

VOZDASCOMUNIDADES

A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do Rio ampliou na segunda-feira (21), a vacinação com a Pneumo 20 para idosos com 85 anos ou mais. A medida foi adotada após orientação e envio de novas doses da vacina pelo Ministério da Saúde.

A Pneumo 20 protege contra infecções causadas pelo pneumococo, bactéria associada a quadros como pneumonia, meningite e infecções na corrente sanguínea. A imunização ajuda a evitar casos graves, internações e mortes, principalmente entre os idosos.

DIVULGAÇÃO



Vacina está disponível em 243 salas de vacinação da cidade

ONDE SE VACINAR?

Você, morador de favela, pode procurar as clínicas da família, centros municipais de saúde e unidades do Super Centro Carioca de Vacinação para se vacinar. O esquema leva em conta o histórico de imunização individual, por isso é importante que as pessoas que pertencem a esse grupo procurem as unidades de vacinação para uma avaliação, de preferência com a caderneta em mãos.

Em junho de 2026, a SMS iniciou a vacinação de crianças menores de 5 anos com a Pneumo 20, depois da incorporação do imunizante ao calendário de vacinação infantil pelo Ministério da Saúde. Mais tarde, pessoas com condições clínicas especiais também foram contempladas. A imunização segue sendo aplicada nos dois grupos.

Para informações e orientação, o telefone é 1746 ou (21) 3460-1746 para ligações de fora do município.

FATO ou FAKE:

É VERDADE que comparecimento às urnas vale como Prova de Vida automática no INSS

A informação foi confirmada pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS); voto garante a manutenção de benefícios previdenciários e assistenciais

THIAGO HERMINIO

Nos últimos dias, muitos moradores de favelas e comunidades receberam no celular uma imagem com o símbolo da Justiça Eleitoral. A mensagem diz que os aposentados que forem votar em outubro terão o voto contado como prova de vida no INSS. Muita gente ficou na dúvida se era verdade ou mais uma notícia falsa.

A reportagem do Voz das Comunidades entrou em contato com o INSS, e o órgão confirmou a informação. Ou seja, quem recebe aposentadoria, pensão ou outro benefício e for votar no dia da eleição, 4 de outubro, já terá a prova de

vida feita automaticamente.

A prova de vida é uma checagem que o INSS faz todo ano para saber se a pessoa que recebe o benefício continua viva. Ela serve para que o pagamento continue caindo na conta. Atualmente, cerca de 40 milhões de pessoas passam por essa checagem no Brasil.

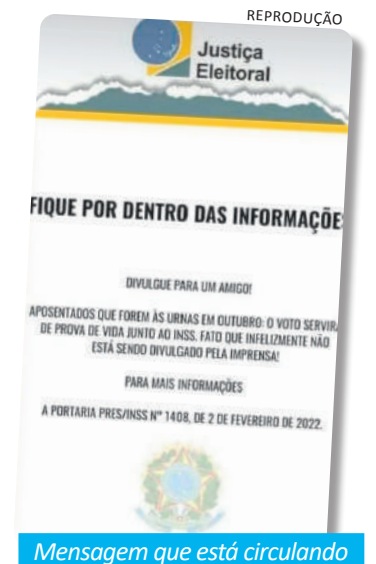
Antigamente, o aposentado precisava ir até o banco ou a uma agência para fazer a prova de vida. Isso gerava filas e muito sofrimento, principalmente para os idosos e para quem tem dificuldade de andar. Desde 2019, a regra mudou. Agora é o próprio governo que procura informações para confirmar que a pessoa está viva. Uma

regra do INSS de 2022, a Portaria nº 1.408, colocou o voto como uma dessas formas de confirmação.

O ministro da Previdência Social, Wolney Queiroz, explicou que, quando a pessoa vota, “o INSS recebe esses dados e já computa como prova de vida”.

E QUEM NÃO FOR VOTAR?

Quem não votar não precisa se preocupar. O INSS continua usando um sistema que cruza várias informações do governo, como tirar um documento, ser atendido em um posto de saúde ou fazer outras movimentações. O aposentado só é chamado para resolver a situação quando o INSS não encontra nenhuma informação que



Mensagem que está circulando

mostre que ele está vivo.

O voto já ajudou muita gente. Em 2024, os dados da Justiça Eleitoral ajudaram a atualizar cerca de 5 milhões de provas de vida.

FIQUE ATENTO

A informação é verdadeira, mas é bom ter cuidado com mensagens que pedem senhas, dados do banco ou dinheiro em nome do INSS. Em caso de dúvida, ligue para a Central 135 ou use o aplicativo Meu INSS.

INFORME PUBLICITÁRIO

Mês do Cliente: Últimos dias para conseguir até 60% de desconto e deixar as contas em dia com a Águas do Rio

Campanha em setembro oferece condições especiais de parcelamento; negociação pode ser feita por telefone, WhatsApp ou nas lojas

Quem está com contas de água em atraso e quer aproveitar os últimos dias de setembro para colocar as finanças em dia pode encontrar condições especiais para negociar os débitos. No Mês do Cliente, a Águas do Rio oferece descontos de até 60% e opções facilitadas de parcelamento para a regularização das contas.

A iniciativa foi criada para tornar a negociação mais acessível e ajudar os clientes a encontrar uma alternativa que caiba no orçamento. As condições podem variar de acordo com a situação de cada cadastro e são apresentadas no momento da negociação.

Uma das facilidades é que o cliente não precisa sair de casa para resolver



a pendência. A negociação pode ser feita pelo 0800 195 0 195, canal gratuito que funciona 24 horas por dia para ligações e mensagens pelo WhatsApp. Por esses canais, é possível consultar as opções disponíveis e escolher a melhor forma de regularizar os débitos.

Para quem prefere con-

versar pessoalmente, a concessionária também oferece atendimento em suas lojas físicas e em ações comerciais itinerantes, realizadas em diferentes cidades. As equipes estão preparadas para orientar os clientes, esclarecer dúvidas e apresentar as condições disponíveis para cada caso.

Negociação mais simples e acessível

Para Luiz Hennes, gerente Comercial da Águas do Rio, a campanha é uma oportunidade para aproximar a empresa dos clientes e facilitar a resolução de pendências.

“A nossa ideia é estar cada vez mais perto, entender cada situação e oferecer caminhos para que a regularização aconteça de forma simples e responsável. É uma oportunidade para viabilizarmos alternativas que realmente ajudem as famílias a organizarem seus orçamentos”, destaca.

Além da negociação de débitos, os canais de atendimento da concessionária permitem que os clientes resolvam outras demandas relacionadas à conta de água, como consulta de informações, atualização cadastral e solicitação de serviços.

Com diferentes opções de atendimento, a proposta é facilitar o acesso às soluções e permitir que cada cliente escolha a forma mais conveniente de resolver suas pendências — seja pelo celular, por telefone ou presencialmente.

Serviço

Mês do Cliente Águas do Rio

Quando: durante o mês de setembro

Condições: até 60% de desconto e opções especiais de parcelamento, de acordo com a situação de cada cliente.

COMO NEGOCIAR:

Telefone e WhatsApp: 0800 195 0 195, com atendimento 24 horas;

Presencialmente: nas lojas físicas e ações comerciais itinerantes da Águas do Rio. A relação completa das lojas e dos pontos de atendimento pode ser consultada no site da concessionária: aguasdo-rio.com.br/contato.

THIAGO HERMINIO

Em março de 2020, quando o mundo parava por causa da pandemia de coronavírus, um grupo de mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro se reuniu para falar sobre o direito à cidade. O encontro ganhou um novo rumo diante da fome e da falta de comida que atingia comunidades já castigadas pela violência e pelo abandono do poder público. Assim nasceu a Teia de Solidariedade da Zona Oeste.

Silvia Batista, quilombola e uma das articuladoras do grupo, conta que o nome Teia surgiu da ideia de conexão entre as pessoas. “A gente não é uma organização clássica, a gente é uma prática. É uma práxis: a gente pratica, reflete, pratica”, explica. Segundo ela, o coletivo não tem regras fixas, mas se constrói no dia a dia. As mulheres se unem por afinidade e por necessidade, cada uma com sua própria história, mas todas com o mesmo objetivo, cuidar umas das outras e do território onde vivem.

Da cesta básica à horta comunitária

Leonídia, professora de história e liderança no Quilombo Dona Bilina, lembra que a ideia da horta surgiu durante a distribuição de cestas básicas na pandemia. “A gente percebeu que na cesta não tinha verduras, não tinha alimentos que realmente nutrem. Tinha arroz, feijão, macarrão, óleo e sal. Dava para você ficar de pé e trabalhar, mas não te alimentava de verdade”, diz.

Foi assim que um terreno de 660 metros quadrados, ao lado da casa de Leonídia, virou uma horta coletiva. No começo, cerca de 30 famílias participaram dos mutirões de plantio. Atualmente, entre 7 e 10 pessoas cuidam do espaço com regu-



Coletivo Teia de Solidariedade

Os alimentos da horta comunitária

Teia de Solidariedade: A luta das mulheres da Zona Oeste por comida, memória e dignidade

Coletivo nascido na pandemia une quilombos, agricultores e moradores em rede de apoio que vai além da cesta básica



Reunião do coletivo na rua



Silvia Batista e Leonídia juntas

laridade, mas a produção já ajudou centenas de famílias durante os anos mais difíceis da pandemia. Além de couve, alface e outras verduras, a horta também tem plantas medicinais e espécies nativas, como taioba e bortalha, tudo plantado sem uso de veneno. “A gente não produz toneladas, mas produz comida de verdade e sem agrotóxico”, orgulha-se Leonídia.

Uma luta que vai além da comida

O trabalho da Teia não se resume à alimentação. O coletivo também atua na geração de renda, no combate à violência contra a mulher, na luta por saneamento básico e contra o racismo ambiental. Silvia Batista destaca que a Zona Oeste tem uma desigualdade que muitas vezes fica escondida. “A extrema pobreza não

é concentrada. Ela está escondida atrás de um condomínio de luxo. São muitas pequenas favelas, pequenas ocupações com um cenário de vulnerabilidade inacreditável”, descreve. Para ela, “a fome como projeto político de subalternização de corpos” é uma violência que se estende no tempo.

Memória e ancestralidade

A horta também está ligada ao EcoMuseu Dona Bilina, projeto que resgata a memória do quilombo. “O EcoMuseu é um museu andado. É aquele lugar que guarda as memórias, parando na casa da Dona Maria para tomar um café, escutando as histórias dela”, explica Leonídia. O espaço recebe visitas de escolas e universidades. “Teve uma pessoa que perguntou: ‘Cadê o quilombo?’ Eu respondi: ‘Você está no quilombo’. As pessoas esperam uma fantasia, mas a gente está aqui, vivo, resistindo”, conta.

Desafios que continuam

A falta de uma sede própria é um dos maiores problemas. “Eu levei a sede praticamente para minha casa, acabou a vida privada”, desabafa Leonídia. A dependência de editais públicos também pesa. “É um sofrimento participar de cada edital. A gente acha que deveria ter mais participação na construção dessas políticas públicas”, defende.

Ainda assim, o Quilombo Dona Bilina se tornou o primeiro quilombo a executar o Programa de Aquisição de Alimentos do governo federal. Para Silvia, o importante é que a Teia continue sendo “um jeito de querer fazer as coisas”. Leonídia sonha com um território de dignidade e resume, “a riqueza não está só na conta bancária”.

DA CESTA BÁSICA À HORTA COMUNITÁRIA

Siga o coletivo no Instagram (@teiasolidariedadzo)

KAREN MELO

A história de quem registra uma favela com a câmera nem sempre começa na lente de um equipamento profissional. Para Kimberly Daniella Katrine Romano Duarte, a carioca conhecida no meio artístico como Salem ou “Fotograccia”, a fotografia começou a ser praticada profissionalmente por volta de 2018, mas suas raízes no olhar visual nasceram muito antes. Ela se consolidou na intimidade do lar, folheando álbuns de família e preservando afetos da Rocinha, onde nasceu e foi criada. Hoje, consagrada no circuito cultural, ela transforma a vivência comunitária em uma poderosa ferramenta de afirmação de identidade e revolução cultural.

“Eu achava que a minha carreira tinha começado quando tive o meu primeiro contato com a câmera lá na praia, quando era atleta de bodyboard de um projeto social. Mas, na verdade, a minha história com a fotografia começa lá em casa, nos arquivos familiares”, relembra Salem. “Nossas mães, nossos pais, nossas avós tiravam foto, que era caro, mas é onde a gente tem a nossa memória.”

O caminho até a profissionalização passou pelo improvável, elemento comum na trajetória de quem produz arte nas periferias. Começou registrando imagens pelo telefone celular e pegando equipamentos emprestados para construir seu primeiro portfólio. A virada de chave veio quando ganhou a primeira câmera de um amigo.

“Quando eu consegui essa câmera, esquece. Tu vê geral com equipamento ‘bolado’, mas eu tinha tanta confiança no meu trabalho, no meu pertencimento, na história que eu carrego dos meus ancestrais e do lugar onde eu moro. Aí eu ia lá e arrasava.”

Território, memória e ancestralidade

A autoconfiança que tem fundamenta a estética do trabalho

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES

FOTOGRAACCIA, A CRIA QUE GANHA O MUNDO SEM SAIR DA ROCINHA

Nascida e criada na favela, fotógrafa transforma memórias e cotidianos em arte e conquista reconhecimento internacional

Através da câmera, ela documenta a vida que pulsa dentro da favela

Com trabalhos expostos em museus internacionais, a artista projeta as vivências periféricas no circuito global de arte

Suas obras investigam identidade, autoestima, e pertencimento favelado

da fotógrafa, que conecta territorialidade, memória e ancestralidade. Longe das narrativas estigmatizadas costumeiramente associadas às favelas no noticiário tradicional, o olhar de Salem busca destacar a riqueza humana e a busca pelo bem-viver no cotidiano da Rocinha. “A arte e a cultura também são maneiras de se fazer uma revolução”, afirma. “Tem milhares de pessoas produzindo obras, conteúdos, narrativas e músicas, mostrando também o lado bom, o lado gostoso e a maneira como a gente tenta ter um bem viver dentro das mazelas de viver numa favela.”

A consistência de suas obras levou sua arte longe. Com trabalhos exibidos em diversos continentes e exposições em países como a França, a fotógrafa rompeu as fronteiras do território e conquistou espaços historicamente inacessíveis às populações periféricas. A maior vitória, no entanto, é ver a própria comunidade ocupando esses lugares. “Além dos anos atrás, com certeza eu não imaginava estar expondo em museus. Minha família vai ao museu sempre que tem exposição minha. A gente se sentir pertencente a esses espaços é fundamental.”

Novas metas

Os planos futuros da artista mantêm os pés firmes em suas raízes. Salemm está finalizando um livro fotográfico que retratará a Rocinha a partir da perspectiva inédita de uma mulher moradora. O projeto dialoga com referências locais, como o Museu Sankofa da Rocinha, e com pensadores como Nego Bispo, cuja premissa defende que o conhecimento deve ser compartilhado com o povo. Ela também planeja realizar sua primeira grande exposição individual no Brasil, e faz questão de que seja dentro da própria comunidade.

Para os jovens que sonham em seguir pelo mesmo caminho, o recado de Salemm é direto e encorajador. “Não espera vocês terem acesso às coisas para vocês fazerem. Só começa com o que você tem, irmão. A gente não pode esperar as oportunidades chegarem para poder articular as nossas ideias e planejar. Nós temos que botar a cara mesmo, e aí tudo vai fluir.”

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES

TUANY NASCIMENTO



* Bailarina, gestora cultural, mulher negra e moradora do Morro do Adeus, no Complexo do Alemão. É fundadora da Na Ponta dos Pés, organização que há mais de uma década transforma a arte, especialmente a dança, em instrumento de formação, pertencimento e criação de futuros para crianças e jovens da favela. Atua na defesa de uma cultura produzida com, para e a partir dos territórios periféricos.

O futuro da favela não cabe na urna

Eu sou a terceira geração de uma mulher negra da minha família que cresceu, se criou e ainda vive no Morro do Adeus, no Complexo do Alemão. Por aqui passou minha avó, minha mãe e por aqui estou eu. Três gerações atravessadas pelo mesmo território e por tudo aquilo que mulheres negras construíram mesmo quando quase nada estava dado.

Quando olho para o que minha avó construiu e para o que minha mãe deixou para mim, sinto o peso dessa presença. Não como algo que paralisa, mas como responsabilidade de olhar para a favela por aquilo que ela produz.

Produz artistas, trabalhadores, empreendedores. Produz conhecimento, rede de cuidado, sonhos. Produz soluções todos os dias, muitas vezes antes mesmo que qualquer política pública consiga chegar.

Por isso, quando penso no futuro da favela, não consigo pensar apenas no que o poder público precisa fazer por nós. Penso também no que nós precisamos fazer por nós mesmos.

Eu quero uma favela com escola de qualidade, cultura, esporte, saúde, saneamento, mobilidade, moradia digna e segurança. Quero jovens tendo oportunidade antes que alguém tente convencê-los de que seu futuro já está definido, quero crianças podendo sonhar, sem que o CEP determine o tamanho dos seus sonhos.

Mas também quero moradores de favela ocupando os espaços onde as decisões são tomadas, nas universidades, empresas, equipamentos culturais, secretarias, conselhos e espaços de poder. E, quando chegarmos lá, não podemos esquecer de onde viemos. Porque sair

da favela não deveria significar deixá-la para trás. Deveria significar abrir caminho para que outros possam chegar.

O futuro do meu território não será construído apenas por quem estiver sentado em uma cadeira de governo. Também será construído por quem mora, trabalha e cria seus filhos aqui. E por quem decide transformar sua indignação em ação.

E é impossível falar de futuro sem falar do presente.

Em outubro, teremos novamente uma dessas oportunidades. No dia 4, mais de 158 milhões de eleitores estarão aptos a votar nas Eleições Gerais de 2026. Escolheremos presidente, governador, senador, deputado federal e deputado estadual. O voto será direto e secreto.

Acho curioso que, antes mesmo de outubro, tanta gente queira saber em quem o outro vai votar. Talvez estejamos fazendo a pergunta errada.

Antes de me perguntarem em quem eu vou votar, me perguntem o que eu quero para o lugar onde eu vivo. Meu voto é secreto. Mas o futuro que eu desejo para a minha comunidade não deveria ser.

Eu quero discutir projeto, compromisso e prioridades. Quero saber quem entende que favela não precisa apenas de assistência, mas de investimento, estrutura e participação nas decisões. Quero quem entenda que cultura não é enfeite, educação não é apenas sala de aula, segurança não pode ser pensada sem considerar a vida de quem mora na favela, e que juventude não pode ser lembrada apenas quando vira estatística.

Mas também quero olhar para nós.

Não adianta cobrar transformação nas redes sociais e permanecer parado.

Não adianta ocupar um espaço fora da favela e não olhar mais para trás. Não adianta querer representatividade sem construir representação. Não adianta falar sobre futuro se não estamos dispostos a agir no presente.

O Brasil tem mais de 16 milhões de pessoas vivendo em Favelas e Comunidades Urbanas, segundo o Censo 2022. São 16 milhões de histórias, necessidades, talentos e possibilidades. Isso não é pouca gente. E nosso maior desafio é entender a força que existe quando essa gente se reconhece como parte da sociedade e não a margem dela.

Porque democracia não deveria ser apenas o momento em que apertamos uma tecla na urna. Democracia é participação, organização, cobrança e responsabilidade. Eu não acredito em uma favela que precise esperar alguém salvá-la. Acredito em uma favela que precisa ser ouvida e respeitada pelas políticas públicas, mas que também reconheça seu próprio poder.

O poder de votar.

O poder de escolher.

O poder de cobrar.

O poder de ocupar.

O poder de criar.

O poder de voltar.

E talvez esse seja o futuro que eu quero, não uma favela que deixe de ser favela para ser aceita pela cidade, mas uma favela que tenha condições de existir com dignidade, sem precisar pedir licença para sonhar.

Uma favela onde nossas crianças possam crescer sabendo que podem chegar a qualquer lugar. E, quando chegarem, possam olhar para trás e dizer:

“Eu vim daqui. E não vim sozinha.”

TRABALHO
MUDA VIDAS,

CORAGEM
TRANSFORMA
A CIDADE

Para quem precisa de atendimento de saúde, a coragem vira cuidado. Para o aluno dos novos GETs, a coragem vira oportunidade. Para o trabalhador que usa o BRT, a coragem vira respeito. Para o cidadão que vê a Força Municipal na rua, a coragem vira tranquilidade. **O Rio é pra quem tem coragem de enfrentar problemas com gestão profissional, transparência e compromisso com a nossa gente. O trabalho muda vidas, a coragem transforma a cidade.**

coragemtransforma.prefeitura.rio

P R E F E I T U R A



RIO

A SERVIÇO DE TODO CARIOCA

Apagão na favela:

como o morador pode registrar a reclamação e por que a Associação de Moradores é essencial

KAREN MELO

Viver em áreas periféricas e favelas do Rio de Janeiro significa enfrentar desafios diários na prestação de serviços essenciais. Quando a energia elétrica acaba, o impacto é imediato: alimentos estragam, o calor torna-se insuportável e moradores com problemas de saúde correm riscos graves. Contudo, para que a Light (concessionária responsável pelo abastecimento) envie equipes técnicas para resolver o problema, a empresa exige o registro formal da ocorrência por meio de um número de protocolo (uma sequência numérica única, geralmente com 10 a 12 dígitos, que muda conforme o sistema de atendimento). Uma exigência burocrática que, no papel, parece simples, mas que na prática esbarra na realidade dura dos territórios.

Em dias de apagão, a rotina de quem mora na favela expõe obstáculos operacionais que os canais tradicionais de atendimento não conseguem absorver. Faltar luz significa, frequentemente, perder o sinal de telefonia móvel, ficar sem dados de

UENDELL VINICIUS / VOZ DAS COMUNIDADES



Falta de luz afeta a rotina de milhares de famílias

internet e encarar ruas, escadarias, becos e vielas completamente escuras. Moradora da localidade da Alvorada, no Complexo do Alemão, Dona Diva Maria resume o drama vivido pela população local. “Nos dias que faltam

luz não tem como ligar e conseguir o protocolo. Tem pessoas aqui perto que não recebem conta, às vezes o local é de difícil acesso. Tem que ter várias ligações ou ir na Associação de Moradores. Mas como sair no escuro?”



Grande parte dos moradores de baixa renda sofre cronicamente com oscilações severas e quedas recorrentes de luz



Na falta de luz e de sinal, a Associação de Moradores é a ponte entre a favela e a Light

A IMPORTÂNCIA DOS PRESIDENTES DAS ASSOCIAÇÕES

Diante dessas limitações, uma das soluções mais funcionais é procurar a Associação de Moradores. Na sede da entidade comunitária, a população encontra uma infraestrutura que muitas vezes resiste aos apagões pontuais, permitindo o uso dos canais disponíveis da distribuidora. Mais do que isso, a Associação, na figura do Presidente, atua como um hub de cidadania: em vez de chamados individuais e isolados que correm o risco de ser ignorados, a liderança comunitária reúne as queixas de diversos vizinhos, mapeia os trechos afetados e aciona os canais institucionais e diretos de comunicação com a empresa fornecedora de energia.

Se o atendimento individual falha na porta de casa, a resposta ganha força no coletivo. Guardar o número de protocolo e concentrar as demandas na Associação de Moradores continua sendo a estratégia mais rápida para iluminar os direitos de quem é morador de favela.

Em casos de impossibilidade de comunicação com a concessionária de energia elétrica, organização comunitária é o principal meio para conseguir reestabelecer o serviço

A fala da Dona Diva traduz com precisão as barreiras enfrentadas. A ausência de entrega regular de faturas impressas em becos sem CEP formal impede que as famílias saibam o número da sua Unidade Consumidora (UC) ou o código do cliente, dados que a empresa pede para agilizar a localização do endereço. Além disso, a instabilidade das redes móveis durante os apagões impossibilita o uso de aplicativos e conversas com a assistente virtual pelo WhatsApp.

COMO AGIR NO APAGÃO

1. O que fazer imediatamente

- **Tenha seus dados:** Guarde uma conta de luz antiga ou anote em local visível o número da sua **Unidade Consumidora (UC)** ou **Código do Cliente**.
- **Sem internet ou sinal:** Ligue para o **Call Center gratuito** 0800 021 0196 (funciona de qualquer celular).
- **Com internet:**
 - WhatsApp (assistente virtual Lia): 21 99981-6059
 - Aplicativo **Light Clientes** (App Store e Google Play)
- **Exija o protocolo:** Anote número, data e hora do atendimento. Esse código é sua prova legal.

2. A quem recorrer no bairro

- **Associação de Moradores:** Se estiver sem sinal, sem conta de luz ou sem conseguir protocolo, informe a liderança comunitária.
- A Associação reúne os chamados e faz a cobrança coletiva junto à concessionária.

3. Atendimento prioritário (Aparelho Vital)

- Famílias com pacientes que usam **equipamentos médicos contínuos** (ex.: respiradores) devem cadastrar no serviço Aparelho Vital da Light.
- Garantia de prioridade absoluta no religamento.

Canais Oficiais de Atendimento (24h)

Call Center (ligação gratuita): 0800 021 0196

WhatsApp (Lia): 21 99981-6059

Aplicativo: Light Clientes

(App Store e Google Play)

Site: agenciavirtual.light.com.br

Facebook: @lightclientes

